


Tecendo mini-histórias: educação estética em abordagens participativas na educação infantil

Weaving mini-stories: aesthetic education in participatory approaches in early childhood education

Tejiendo mini-historias: educación estética en enfoques participativos en la educación infantil

Cristiele Borges dos Santos Cardoso¹

 <https://orcid.org/0000-0002-2756-9534>

Elaine Conte²

 <https://orcid.org/0000-0002-0204-0757>

Cristiane Gomes³

 <https://orcid.org/0000-0002-9039-3981>

Resumo: O estudo apresenta um relato de experiência em Educação Infantil, com foco na investigação participativa voltada para crianças de 2 anos. A proposta pedagógica parte da observação dos interesses e curiosidades infantis para desenvolver um projeto centrado na modelagem com argila, integrando brincadeiras e interações que estimulam a imaginação e a criatividade. O trabalho destaca a relevância de uma abordagem ético-estética em todo o processo educativo, abrangendo desde a seleção dos materiais até a disposição do ambiente, criando condições propícias ao desenvolvimento humano e sociocultural. As crianças foram incentivadas a explorar diferentes materialidades, promovendo aprendizagens evolutivas através de experiências sensoriais e estéticas. As professoras acompanharam e documentaram essas (con)vivências, elaborando mini-histórias para registrar as descobertas e os saberes relacionais. Esse processo de construção de conhecimento permitiu refletir

¹ Doutoranda em Educação (UNILASALLE). Mestra em Educação (UNILASALLE). Graduada em Pedagogia (UNILASALLE). Professora na Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo/RS e membro do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação. E-mail: cris180395@gmail.com

² Doutora em Educação (UFRGS). Mestra em Educação (UFSM). Graduada em Pedagogia (UFSM). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do PPG em Memória Social e Bens Culturais, Universidade La Salle, Canoas/RS. Bolsista de Produtividade Desen. Tec. e Extensão Inovadora do CNPq e Pesquisadora Gaúcha da FAPERGS. E-mail: elaine.conte@unilasalle.edu.br

³ Doutoranda em Educação (UNILASALLE). Mestra em Memória Social e Bens Culturais (UNILASALLE). Graduada em Letras (UNILASALLE). Doutoranda em Educação na Universidade La Salle, Canoas/RS. Professora na Rede Municipal de Ensino de Esteio/RS e membro do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação. E-mail: cristiane.201920350@unilasalle.edu.br

sobre a relação entre ética, estética e narratividade, além de enfatizar o protagonismo infantil e a cocriação na escola.

Palavras-chave: Educação Infantil. Investigação participativa. Mini-histórias. Trabalho conjunto.

Abstract: The study presents a report of experience in Early Childhood Education, focusing on participatory research aimed at 2-year-olds. The pedagogical proposal starts from the observation of children's interests and curiosities to develop a project focused on modeling with clay, integrating games and interactions that stimulate imagination and creativity. The work highlights the importance of an aesthetic look throughout the educational process, from the choice of materials to the organization of space. Children were encouraged to explore the materiality of clay, promoting meaningful learning through sensory and aesthetic experiences. The teachers followed and documented these experiences, developing mini-stories to record the discoveries and learning. This process of knowledge construction allowed to reflect on the relationship between ethics, aesthetics and orality, besides emphasizing the child's role in school.

Keywords: Early Childhood Education. Participatory research. Mini-stories. Joint work.

Resumen: El estudio presenta un relato de experiencia en Educación Infantil, enfocado en la investigación participativa volcada a niños de 2 años. La propuesta pedagógica parte de la observación de los intereses y curiosidades infantiles para desarrollar un proyecto centrado en el modelado con arcilla, integrando juegos e interacciones que estimulan la imaginación y la creatividad. El trabajo destaca la importancia de una mirada estética a lo largo del proceso educativo, desde la elección de los materiales hasta la organización del espacio. Se animó a los niños a explorar la materialidad de la arcilla, promoviendo aprendizajes significativos a través de experiencias sensoriales y estéticas. Las maestras han seguido y documentado estas experiencias, elaborando mini-historias para registrar los descubrimientos y aprendizajes. Este proceso de construcción del conocimiento permitió reflexionar sobre la relación entre ética, estética y oralidad, además de enfatizar el protagonismo infantil en la escuela.

Palabras-clave: Educación Infantil. Investigación participativa. Mini-historias. Trabajo conjunto.

Introdução

Este relato de experiência tem como objetivo descrever e refletir sobre uma prática pedagógica na Educação Infantil centrada na modelagem com argila e na criação de mini-histórias, destacando como a abordagem ético-estética pode promover o desenvolvimento sensorial, criativo e relacional das crianças de 2 anos. Inspiradas por Loponte (2013, p. 36), perguntamo-nos: “Seríamos capazes de constituir estéticas da existência ou estéticas da docência, marcadamente plurais, contingentes e inconformadas”, sobretudo diante dos desafios presentes no cotidiano escolar? Em nossa cultura contemporânea, a relação ética e estética no cotidiano escolar muitas vezes é negligenciada, mesmo sendo essencial para a formação humana de sujeitos mais críticos, reflexivos e sensíveis, tanto na criação quanto na recepção cultural.

A arte na Educação Infantil expressa o sentido da vida em sua totalidade, promovendo uma nova forma de compreender as dimensões sensíveis para refletir, posicionar-se e transformar práticas e trajetórias no mundo. “Uma vivência estética contém sempre a experiência de um todo infinito. E seu significado é infinito justamente porque não se conecta com outras coisas para a unidade de um processo aberto de experiência, já que representa o todo imediatamente” (Gadamer, 1997, p. 131). Nossa postura na escola muda ao entrar em contato com novas narrativas e experiências estéticas, o

que provoca o questionamento de certezas e valoriza a sensibilidade. Desde a Educação Infantil, esse processo permite reconhecer o diferente, evidenciando que a educação exige um compromisso com a diversidade e a pluralidade humanas.

Os desafios da existência e os dilemas da docência na Educação Infantil envolvem as interseccionalidades humanas, refletindo sobre como a experiência estética pode contribuir nos encontros com o outro, com o desenvolvimento das crianças e dos próprios educadores. Diante disso, esse relato de pesquisa descreve práticas educativas do cuidado⁴ que respeitam o direito à privacidade, proteção e dignidade das crianças e suas famílias no ambiente escolar⁵. Se o conhecimento surge do (auto/re) conhecimento do patrimônio linguístico e sociocultural, e a essência do aprender reside na dúvida e na curiosidade, então, o pleno desenvolvimento humano encontra sua força germinativa no encontro com o outro. A Educação Infantil, em particular, demanda que o cuidado com o outro reverta-se em vínculo intersubjetivo, socioemocional e contágio ecológico, manifestado na dimensão pedagógica. Esse cuidado precisa ser integrado a práticas imagéticas e comunicativas, que permeiam as relações em toda sua inteireza, conectando o espaço escolar às famílias (Conte; Santos, 2022b). É essencial reconhecer a interdependência nas relações humanas e refletir isso nas proposições educativas, sempre permeadas por um cuidado ético, estético e político, continuamente (re)criando visões de mundo com as novas gerações.

A investigação participativa na escola, de geração para geração, permeia um conjunto de narradores, memórias e (con)vivências, cujas dimensões estéticas do ensinar e do aprender requerem um contínuo refazer de ideias e propostas no ambiente. Tudo isso só acontece quando prestamos atenção às miudezas das ações sobre o fluir da vida escolar⁶ e na complexidade das relações nesses

⁴ A ética do cuidado envolve dar visibilidade às (con)vivências e interesses de pesquisa no cotidiano escolar, onde professoras de Educação Infantil e crianças revelam memórias e histórias coletivas, por meio do fazer pedagógico. Essa ética se manifesta ao estimular comportamentos ecológicos de proteção e cuidado com a natureza, utilizando práticas como a modelagem com argila e grãos. Há muito a ser compreendido sobre as potencialidades dessas atividades à reconexão com a gênese humana, conforme evidenciamos em proposições de escolas desde 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/p/2yi6KyBKgycqIaB2/?mibextid=oFDknk> Acesso em: 22 abr. 2025.

⁵ A partilha de imagens aqui reunidas foi consentida pelas escolas com a anuência das famílias e a partir do contato e de conversas com as crianças no cotidiano escolar, com as devidas autorizações de imagem.

⁶ Espaços e ambientes são fundamentais para a expressão humana, pois favorecem enredos, descobertas e a ação das crianças em zonas de brincar, estas cultivadas por arranjos acessíveis e ordenamentos selecionados pelos professores. Disponível em: https://www.blogculturaainfantil.com.br/post/as-cores-nos-espacos-da-educacao-infantil?fbclid=IwAR1lar0rw8UOSMVhqqS2HU0PV0_KNTXtb4VO2bZwXwlLvlsg30gknqJA-ms Acesso em: 22 abr. 2025.

contextos de descobertas e inquietudes, que são os pontos de partida do inesperado e dos processos aprendentes (Larrosa, 2014a). “A experiência é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser” (Larrosa, 2014, p. 74).

Desde os primeiros contatos com as crianças, observamos suas curiosidades e necessidades, o que nos levou a desenvolver um projeto investigativo centrado na modelagem com argila, para oferecer experiências sensoriais que estimulassem o pensamento investigativo, novidades e dúvidas. Nosso olhar estético esteve presente durante todo o processo, desde a escolha dos materiais até a organização dos espaços, buscando sempre instigar as crianças à exploração, respeitando suas sensibilidades e criatividade, resultando na criação de mini-histórias que registram as aprendizagens e memórias formativas. Para que uma criança possa se encantar e maravilhar-se, é fundamental respeitar uma série de condições, como garantir sua liberdade e autonomia, incentivar momentos de escuta e silêncio, criar e inventar com arte, oferecer tempo para contágios (socio)emocionais, respeitar os diferentes ritmos, criar um ambiente de respeito, confiança e cultivar os vínculos interpessoais.

As crianças também participaram de (con)vivências estéticas, onde puderam apurar seu senso estético e ampliar seu foco investigativo ao explorar a materialidade da argila. A experiência estética aqui descrita não é apenas uma vivência isolada, mas reflete um processo contínuo de investigação e reflexão sobre o fazer docente, onde a estética, a ética e a narratividade se entrelaçam para imaginar novas formas de ação pedagógica no mundo. A investigação enfatiza a importância de criar um ambiente de aprendizagem que respeite a sensibilidade, a criatividade e a liberdade de expressão dos educandos, promovendo a construção de conhecimentos interpares e a inclusão de todos. O texto aborda a ética do cuidado manifestada nas práticas docentes e na atenção aos interesses e desenvolvimento das crianças na Educação Infantil.

Caminhos percorridos na Educação Infantil

A pesquisa integra um conjunto de capacidades voltadas à criação artística e à construção de novos mundos, trabalhadas ao longo da educação básica. Manoel de Barros (1996, p. 75) nos ensina que “o olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê... É preciso transver o mundo”. Afinal, não é o passado que se modifica, mas a própria relação que o sujeito estabelece com a sua história formativa e com as perspectivas de transver o mundo. Na Educação Infantil, as crianças, por meio de experiências, exploram, formulam hipóteses e fazem indagações, buscando respostas para suas curiosidades (Brasil, 2018). O trabalho analisa a participação investigativa na Educação Infantil, utilizando a modelagem em

argila como um foco de pesquisa, por ser um material natural e versátil, que possibilita às crianças experiências sensoriais e estéticas significativas, fomentando a exploração, a criatividade e a comunicação. Tais (con)vivências perpassam a pedagogia da autonomia e combinam movimento corporal e conexão com a natureza, explorando a textura, maleabilidade, pigmentação e transformação da argila. Cabe destacar que a escolha da argila como material pedagógico vai além de suas propriedades táteis da cerâmica artesanal. Como elemento natural, aproxima as crianças da natureza, uma questão cada vez mais relevante em debates contemporâneos. Nosso olhar estético justifica-se no fato de que a infância é o momento privilegiado para investigar materiais, espaços, cocriações pelo brincar⁷ e incentivar uma educação sustentável, sendo o professor corresponsável no ato da observação, da pesquisa, da documentação e da criação de mini-histórias como artefato cultural que registra as memórias formativas e comunica as aprendizagens do cotidiano escolar.

A ética do cuidado e a estética são fundamentais na Educação Infantil, pois promovem um ambiente acolhedor e sensível, onde as crianças podem explorar materiais como a argila de forma livre e criativa. Essa abordagem não apenas estimula a imaginação, mas também fortalece os vínculos entre as crianças e os educadores. As professoras se afirmam como investigadoras, desenvolvendo projetos solidários e práticas colaborativas que alimentam a autoformação, conectando a prática educativa à construção coletiva do conhecimento. As crianças experienciaram (con)vivências estéticas, explorando a argila como materialidade em sessões investigativas organizadas pelas professoras. Essas experiências visaram apurar o senso ético e estético das crianças, ampliando suas capacidades investigativas. A turma 2CD da EMEI Professora Zozina Soares de Oliveira, em 2023, composta por 20 crianças⁸, foi o cenário dessas práticas, destacando a importância de contextos pedagógicos sensíveis e esteticamente orientados. A vivência estética, conforme Gadamer (1997), não é uma experiência isolada, mas um modo de ser que revela o todo da (co)existência humana. Nesse processo, a investigação pedagógica se entrelaça com a criação de sentidos, oferecendo às crianças uma experiência educativa rica em significados e em possibilidades aprendentes no contexto escolar. A criatividade surge não de forma instantânea, mas por meio de um processo contínuo de imaginação, experimentação, exploração, compartilhamento e reflexão, um movimento em espiral que fortalece as capacidades criativas.

Toda memória se apropria do que encontra, movendo-se em um contínuo enriquecimento do legado da tradição. Essa reflexão se conecta com a ética do cuidado na docência, especialmente na

⁷ Alguns segredos do brinquedo e do brincar na infância estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=aBKpmeWLM8w> Acesso em: 22 abr. 2025.

⁸ As crianças possuem em média 2 anos. Destas, 5 frequentavam o turno da manhã, 7 o turno da tarde e 8 o turno integral.

Educação Infantil, onde o desenvolvimento estético das crianças é cultivado. Nesse contexto, a memória pedagógica e o cuidado estético caminham juntos, nutrindo um ambiente de aprendizado que valoriza tanto a herança cultural quanto a expressão criativa, as sensibilidades e os contágios emocionais das crianças. A possibilidade das professoras de Educação Infantil se afirmarem como investigadoras da práxis se traduz no alcance e no trabalho participativo com práticas pedagógicas, por meio do envolvimento em comunidades de escrita, da reflexão na ação e da autoformação na escola, promovida por projetos coletivos e escritas interpares. A interpretação decorre de um texto, de um gesto, de uma atitude, de uma palavra de abertura e relação com o outro, que é capaz de se comunicar eticamente e de interagir com o outro. Nesse itinerário performativo, a atitude hermenêutica orienta a reflexão e a compreensão “sobre aquilo que vemos, lemos, vivenciamos, criando uma cultura imersa em diferentes tradições e experiências” (Sidi; Conte, 2017, p. 1945).

Essas práticas também são manifestadas no Movimento da Escola Moderna Portuguesa (MEM), que há 50 anos explora um horizonte investigativo no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (Mestre, 2023). Por meio do envolvimento solidário de professores e da criação de comunidades de prática, o MEM propõe uma reinvenção da profissão docente, promovendo intervenções educativas mais inclusivas e culturalmente de existência solidária. A valorização da escrita colaborativa e das mini-histórias reforça a necessidade de práticas reflexivas, éticas e estéticas que afirmam a docência como um campo de construção coletiva.

Um processo em que a investigação de professoras sobre suas práticas e a colegialidade nos processos de reflexão se consolidam pela redação das mini-histórias, que alimentam continuamente o ciclo de reflexão em rede, e que são desdobradas pelas escritas que essas narrativas provocam. “O retorno dessas práticas na narração [por mini-histórias] está ligado a um fenômeno mais amplo, e historicamente menos determinado, que se poderia designar como estetização do saber implícito no saber-fazer” (Certeau, 2014, p. 133). Concomitante à proposta de investigação da turma, há uma relação entre o conceito de comunidades de prática que vai desde a perspectiva dos brinquedos inventados nas escolas com as crianças até as pinturas em suportes inusitados e tentativas de autorretrato por reflexos em espelhos e outras materialidades. Trata-se de uma comunidade que pensa, estuda junto, escreve e intervém para melhorar as práticas pedagógicas da e na valorização da construção de conhecimentos interpares e, por meio do diálogo, instituem ações éticas, acolhedoras, disponíveis esteticamente, para afirmar a profissão pela escrita solidária de mini-histórias (Conte; Cardoso, 2022).

A figura 1 apresenta uma variedade de materiais naturais e sustentáveis, utilizados em (con)vivências e projetos pedagógicos que integram processos estéticos (experimentações de areia, água, galhos, farinha, pigmento com argila e erva-mate, gelatina e pinturas em objetos da infância), com

a ética do cuidado. Esses exemplos registrados por professoras atentas aos contextos, nas e das práticas pedagógicas, tiveram o objetivo de atender às construções e ao desenvolvimento das crianças na Educação Infantil, ao mesmo tempo que fortaleceram a consciência ecológica, inclusiva e a (co)responsabilidade na criação de repertórios culturais.

FIGURA I - Diferentes materiais sustentáveis em processos estéticos

(Continua)



Os cozinheiros e o prato do Chef

(Conclusão)



Projeto - Vamos fazer papel reciclado?

Processos de criação de repertórios culturais a partir das próprias experiências...



Fonte: Acervo das autoras.

Em face das considerações acima expostas, a formação pedagógica precisa acompanhar a evolução da ciência, envolvendo uma revisão crítica da literatura e a renovação constante do conhecimento, como aponta Nóvoa (2020). Isso reconecta repertórios culturais e supera adaptações superficiais inerentes à fruição das experiências escolares. Desde a Educação Infantil, o conhecimento emerge das interações das crianças com os outros, com a natureza e com o mundo. Esses contextos precisam provocar a participação investigativa das crianças por meio da manipulação e da exploração

dos sentidos, dos objetos e dos artefatos. Ao estimular o questionamento sobre os fenômenos que as cercam, é essencial um planejamento cuidadoso para tornar visíveis as intenções educativas (Fochi, 2019).

Espaços amplos, lúdicos e acolhedores, que permitam às crianças explorar seus corpos e interagir com os objetos, são fundamentais para expandir seus sentidos e olhares. Projetos que promovam o faz de conta nesses ambientes incentivam a criação de conhecimento de forma colaborativa e respeitosa, considerando o olhar, a voz, o afeto e a responsabilidade coletiva na circularidade da imaginação criadora. A criança, como pesquisadora natural, investiga o mundo principalmente através do corpo, do olhar e das mãos. Os conceitos abstratos são gradualmente compreendidos, começando pelas sensações e evoluindo para representações mais complexas. Ao manipularem objetos como a argila, esses se tornam vivos no imaginário infantil, potencializando sua criatividade (Piorski, 2016). A tatilidade não apenas conecta as crianças aos materiais, mas também oferece diálogos profundos e imaginativos com eles. “A criança, essa criatura por excelência tátil, tem olhos nas mãos. Só quase sabe ver com as mãos, ver com os olhos não lhe basta, pois o campo de repercussões por ela almejado é das mais recuadas impressões corpóreas. A tatilidade é seu mais poderoso recurso imaginador, a porta do vínculo onírico com tudo” (Piorski, 2016, p. 109).

Nesse sentido, as sessões investigativas foram planejadas para permitir que as crianças desenvolvessem suas próprias teorias provisórias. A argila, material historicamente significativo para manipulação humana, promove um vínculo profundo entre as crianças, a terra e o mundo, reconectando as crianças com a natureza e com as histórias ancestrais (Bonaccini, 2023).

Construindo a comunicação de um percurso investigativo - organização estética das sessões

Cada sessão foi cuidadosamente planejada para garantir que as crianças tivessem liberdade para explorar a argila, mas também para que pudessem desenvolver suas próprias teorias e hipóteses. Por exemplo, em uma das sessões, as crianças foram incentivadas a misturar diferentes cores de argila, o que levou a discussões sobre como as cores se transformam e interagem (Brasil, 2010). Dessa forma, planejamos os contextos com possibilidades distintas, conforme a intenção pedagógica para cada momento, tais como: apenas argila vermelha; argila, água e pincéis; argila e elementos naturais; argila e estecas (para modelagem); diferentes tipos de argila, entre outros. Nas sessões, há um investimento considerável na criação de um ambiente acolhedor e visualmente atraente, projetado para engajar as crianças em propostas que, embora sejam cuidadosamente elaboradas pelas professoras - baseadas em

questões éticas e áreas de investigação estéticas previamente refletidas - também permitem espaço para que as crianças desenvolvam e explorem suas próprias teorias e hipóteses (Fochi, 2019).

FIGURA 2 - Contexto de sessão com elementos naturais e lupa / Sessão com estecas



Fonte: Acervo das autoras.

Desde os primeiros momentos das crianças na faixa etária de 2 anos, o interesse pela massa de modelar era evidente. Assim que entravam na sala, algumas já pediam o material para as professoras. Quando começávamos a distribuir a massa, os demais, que estavam envolvidos em outras atividades, se aproximavam para participar. Esse entusiasmo inicial nos levou a explorar mais profundamente o interesse pela modelagem, pois despertava um interesse expressivo nas crianças.

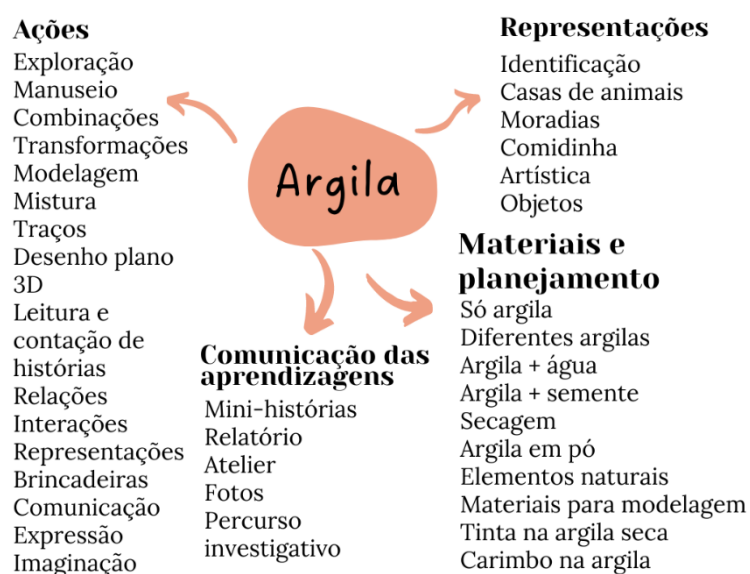
O ambiente de cada sessão era organizado no pátio, onde, apesar das outras opções de exploração como escorregadores e árvores, as crianças eram atraídas pelo espaço preparado com argila e massa de modelar caseira. Logo se acomodavam e buscavam seus materiais de referência, demonstrando um envolvimento autônomo com a atividade. Durante o planejamento, assegurávamos a oferta adequada de itens para todas as crianças, facilitando o compartilhamento de objetos entre elas. Esses momentos de exploração e interação oferecem aos professores a oportunidade de sistematizar o campo de experiência, estabelecendo um desafio investigativo que orienta e amplia a compreensão do trabalho educativo. A prática investigativa e a reflexão contínua sobre a práxis pedagógica são fundamentais para o desenvolvimento de um olhar estético e polissêmico, promovendo uma formação interpares dentro da profissão com as crianças. Isso exige um profundo respeito e uma responsabilidade solidária, fundamentada na interdisciplinaridade, contextualização e relevância sociocultural (Nóvoa, 2020).

Tudo indica que a verdadeira inovação educacional nasce do fazer pedagógico e precisa fortalecer a educação como bem público, no sentido de consolidar a cidadania e a democracia na

escola, apostando nas iniciativas dos professores como forças fundamentais de transformação para lidar com a complexidade do mundo (Imbernón, 2024). A reinvenção do trabalho pedagógico emerge do envolvimento solidário entre professores e da criação de comunidades de prática, promovendo intervenções inclusivas e culturalmente comprometidas pela experiência formativa do universo da arte (Conte; Devecchi, 2016). A escrita colaborativa e as mini-histórias fortalecem práticas reflexivas, éticas e estéticas, afirmando a profissionalidade como construção coletiva de roteiros e agendas de pesquisa.

A documentação é essencial para valorizar as experiências significativas das crianças e para o desenvolvimento profissional dos educadores (Rinaldi, 2016). A observação e a documentação estão intimamente conectadas, pois, observar sem interpretar é impossível, da mesma forma, interpretar requer reflexão e observação. Além disso, a construção de um ambiente de aprendizagem e o fortalecimento dos vínculos interpessoais são essenciais para promover a cooperação e o senso de comunidade. Esses princípios de responsabilidade social e comunicação ativa são fundamentais para enfrentar os desafios éticos contemporâneos da educação, viabilizando um processo dinâmico e transformador que inspira uma prática educativa comprometida com a inclusão, com o trabalho cooperativo e com a participação ativa, como ilustrado na figura 3.

FIGURA 3 - Constelação de possibilidades



Fonte: Acervo das autoras.

As primeiras sessões investigativas priorizaram a livre exploração apenas da argila vermelha para que as primeiras hipóteses sobre a materialidade fossem criadas. Logo, surgiram comparações da argila com a massa de modelar, percebendo que, desta vez, era mais rígida para manipular. Outros ainda perceberam que o pigmento da materialidade poderia ser transferido para outra superfície

possibilitando desenhar ou pintar. A partir das nossas observações das sessões, fomos planejando as próximas, com o intuito de dar continuidade ao processo e oferecer possibilidades de ampliação do repertório da turma. Dessa forma, foram organizados contextos que envolvessem a argila somada a outros materiais para criação de novas hipóteses e testagens como água, palitos, estecas, argilas de cores diferentes, elementos naturais, entre outros.

Durante nossas reflexões, percebemos como o ato de lambuzar-se, tanto as mãos como as demais partes do corpo, estava presente em quase todas as sessões investigativas, enfatizando a necessidade de sentir na pele para a construção de aprendizagens. A combinação de diferentes tipos de argila (vermelha, branca e preta) potencializou possíveis investigações para as crianças. Enquanto manipulavam as materialidades, elas comunicavam suas hipóteses, assim como uma menina falou ao misturar a argila vermelha e a preta: Vamos ver que cor vai ficar? Outros ainda diziam que a branca era mais dura que a preta. Com o passar das sessões, além da exploração das materialidades, as crianças passaram a criar enredos envolvidos em suas pesquisas, por meio de narrativas e representações. Objetos, animais, pessoas da família eram constantemente modelados em argila e ganhavam vida. Associado a isso, a modelagem mostrou-se como uma forma potente de expressão, assim como foram percebidas propriedades pigmentares, texturas, dissolução na água, entre outras. Além de reproduzir objetos, pessoas e atitudes do cotidiano, algumas crianças extravasam suas emoções na manipulação das materialidades. No ato de apertar e bater com força o material explorado era possível a elas transferir sentimentos e descarregar energias aprisionadas.

FIGURA 4 - Menina lambuzando as mãos com argila / Menino sobrepondo as cores de argila



Fonte: Acervo das autoras (2023)

Com o objetivo de proporcionar às crianças mais tempo de interação com suas criações realizadas durante as sessões, foi idealizado e construído um microclima na sala de referência, voltado para incentivar a curiosidade investigativa. Nossa intenção era que esse espaço fosse utilizado pela

turma para (re)conhecer suas produções e realizar observações. No entanto, ao longo do tempo, percebemos a necessidade de repensar o ambiente para torná-lo mais atrativo, pois, com o passar dos dias, o espaço acabou sendo pouco revisitado pelas crianças.

FIGURA 5 - Crianças observando curiosos seus registros no microclima



Fonte: Acervo das autoras (2023)

Assim, incluímos imagens que capturavam o uso da argila e a participação das crianças nas sessões. Além disso, algumas plantas foram incorporadas para enriquecer a estética visual e a vitalidade do espaço. Esse ambiente permaneceu na sala de referência até o final do ano letivo, sendo constantemente atualizado e enriquecido pelas contribuições das professoras e das crianças, como parte integrante da investigação.

Um trabalho corresponsável, de formação de vínculos e de relacionamentos...

Na escola, o projeto vivências estéticas ocorreu em 2023, durante a hora-atividade das professoras, proporcionando momentos que incentivavam a interação e a solidariedade entre os sujeitos da educação, numa diversidade de experiências com diferentes materialidades. Esse espaço buscou promover práticas investigativas e cooperativas, criando comunidades de estudo. Edgar Morin (2011), em sua obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, destaca a importância de cultivar a força do humano, argumentando que o desenvolvimento do conhecimento passa pela compreensão do outro e pela solidariedade, fundamentais para a educação transformadora.

Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. A unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie *homo sapiens*. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais e sociais do ser humano. Existe também diversidade

propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si, os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. [...] A educação deverá ilustrar esse princípio de unidade/diversidade em todas as áreas. (Morin, 2011, p. 50).

No âmbito desse projeto de (con)vivências estéticas, foi possível explorar e manipular diversas texturas, objetos e contextos, ampliando as descobertas e proporcionando a fruição de um ambiente de experimentação contínua. A proposta ofereceu experiências artísticas, gráficas e corporais para bebês e crianças pequenas, com foco na criação de movimentos intencionais que incentivassem a brincadeira, a experimentação e a investigação de tempos e espaços, permitindo que vivenciassem plenamente essas experiências. Cada criança, com sua singularidade, necessita de ambientes que favoreçam o desenvolvimento de sua expressão e a oportunidade de explorar uma variedade de materiais em atividades estéticas diversificadas e investigativas (Cardoso, 2023).

Ao longo do projeto, observamos que as crianças não apenas desenvolveram habilidades motoras finas ao manipular a argila, mas também demonstraram maior autonomia e criatividade. Além disso, as interações entre as crianças se tornaram mais colaborativas, com trocas frequentes de materiais e ideias. A cada nova interação com a argila, as crianças demonstravam maior autonomia e envolvimento, superando o receio de se sujar e se aventurando em novas formas de expressão.

O acompanhamento contínuo das professoras permitiu identificar o amadurecimento emocional das crianças, assim como o avanço nos processos cognitivos, fortalecendo a conexão entre a experiência estética e o desenvolvimento socioemocional. As sessões com argila destacaram a importância do trabalho coletivo, onde o ato de brincar e investigar em grupo reforçou valores como solidariedade e respeito às diferenças. O envolvimento das crianças transcendeu o simples manuseio do material, expandindo suas formas de pensar, observar e interagir com o mundo ao redor, criando momentos de diálogo significativo entre elas e as professoras.

Esse processo fez do projeto um espaço de construção de conhecimento compartilhado, em que as descobertas individuais e coletivas se entrelaçavam, dando novo sentido às (con)vivências escolares. Além disso, o processo investigativo foi documentado semanalmente, permitindo que as professoras refletissem sobre as transformações observadas e ajustassem as práticas conforme as necessidades emergentes da turma. Ao longo do projeto, as crianças não apenas ampliaram seu vocabulário e capacidades de interação, mas também consolidaram a compreensão de que o aprendizado é uma experiência contínua e colaborativa.

FIGURA 6 - Menina manipulando argila com esteca / Menina sorrindo com bloção de argila



Fonte: Acervo das autoras (2023)

As mini-histórias também fizeram parte do processo de comunicação escolhido para tornar visível as aprendizagens das crianças à criação de conhecimentos que se descortinam nas experiências escolares. É importante destacar que não há uma única forma de produzir mini-histórias incorporando a base estética do conhecimento, por isso, cabe às educadoras realizarem as revisões e atualizações de acordo com a realidade, as diferenças, as expectativas e comportamentos, que permitem contextualizar o cotidiano e as múltiplas relações de pertencimento na Educação Infantil (Conte; Cardoso, 2022). Tudo indica que as crianças têm amplo conhecimento sobre o que acontece na creche, fazendo pulsar a construção da própria identidade nesse contexto de interações vitais de ludicidade, fantasia, afetividade e imaginação criadora. Fochi (2019, p. 49) conceitua as mini-histórias como “rapsódias da vida cotidiana que, ao serem narradas textual e imageticamente, tornam-se especiais pelo olhar do adulto que as acolhe, interpreta-as e dá valor para a construção da memória pedagógica”. Estas eram produzidas semanalmente e expostas em murais próximos à sala referência, mais especificamente, no ateliê⁹ localizado na entrada da escola.

⁹ A ideia do ateliê está difundida na estrutura mental de um educador que sabe escutar, tirar o invisível de todas as linguagens (oral, corporal e visual) de estar com o outro. Ateliê é uma ideia de aprendizagens para a vida e precisamos preservar o encantamento investigativo nas crianças e em nós mesmos, pois a criatividade, assim como o conhecimento, nasce da surpresa e da paixão de conhecer o mundo.

O ateliê oferece um tempo e espaço dedicados à criação, com a organização de um inventário de materiais inteligentes e coleções, além de potencializar o brincar simbólico e contemplar os campos de experiência, ainda que um campo possa se destacar mais que os outros. Nesse ambiente, as famílias podem acompanhar as aprendizagens das crianças ao longo de todo o processo, e não apenas no final do ano, pois trata-se de um espaço onde a criança cria com as próprias mãos. É um lugar de sensibilização e exploração, planejado para conectar as crianças com o mundo, a natureza e os outros. De forma poética, os ateliês favorecem as múltiplas linguagens infantis e contribuem para o percurso pedagógico, tanto na escolha das materialidades e interações quanto no respeito ao tempo e ao processo das aprendizagens na infância.

As práticas vivenciadas com as crianças exigem um cuidado estético profundo, responsabilidade e comprometimento educacional. Tudo isso implica examinar criticamente o que sabemos dos outros e o que ainda ignoramos, para desafiar a noção de um corpo fixo de conhecimentos, promovendo uma apreciação estética pela descoberta, convivência e respeito mútuo. Cabe a nós criar condições que permitam provocar o conhecimento por meio do olhar e do exercício dialógico no cotidiano escolar. Essa abordagem propõe uma prática educativa focada na criação de um ambiente onde a aprendizagem de atitudes se torna um processo autônomo, vivo, dinâmico e colaborativo, que enriquece a experiência educacional com diversidade e profundidade. Reconhecer-se como sujeito nos encontros plurais, divergentes e de múltiplas identidades, até mesmo contraditórias, implica responder a uma interpelação de um grupo de referência e estabelecer diferentes sentidos de pertencimento social. Nada é simples ou estável nessa relação pedagógica, que se transforma ao se contaminar pelas experiências interdisciplinares das crianças. Conforme Paulo Freire (1996, p. 66) afirma,

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda *que ele se ponha em seu lugar* ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

Nesse cenário, Freire e Guimarães (2011) questionam como criar espaços educacionais que promovam a criatividade e a percepção crítica do próprio tempo, bem como o sentido de participação e a superação de interesses individuais em favor de uma pedagogia coletiva e inventiva, no momento mesmo em que se vive?¹⁰ Portanto, é essencial abrir espaço para uma educação mais inclusiva e

¹⁰ Exemplo disso é a fala/denúncia de Paulo Freire sobre a realidade educacional brasileira. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/v/SfdBAwpUN73bdzcx/?mibextid=xfxF2i> Acesso em: 22 mar. 2025.

reflexiva, onde o respeito mútuo e a compreensão intercultural sejam centrais. Isso envolve não apenas a aquisição de novos conhecimentos, mas também a reflexão crítica sobre os processos de ensino e aprendizagem, promovendo uma postura dialógica no processo de reconhecimento do outro. Nesse contexto, o currículo se transforma em um meio para celebrar a diversidade de perspectivas, cultivando uma apreciação estética pela descoberta contínua e pela interação ética entre todos os participantes do processo educativo.

FIGURA 7 - Mini-história “Parabéns para você!”



Parabéns para você!

Durante uma sessão com argila, Laura e Joaquim protagonizaram um momento de construção e diversão Juntos, os amigos que dividem a jornada na escola, também compartilharam de uma brincadeira e da companhia um do outro. O menino e menina montaram um bolo de aniversário, com direito a velinhas. Em seguida, começaram a entoar um animado “*Parabéns para você!*”, e claro, ao final assopraram juntos! Que alegria dividir momentos assim prazerosos ao lado dos amigos na escola e ter a oportunidade de criar suas próprias brincadeiras!

Crianças: Laura e Joaquim Turma: FE2CD Outubro/2023 Texto e imagens: Professora Cristiele Projeto *Vivências Estéticas*
Fonte: Acervo das autoras.



FIGURA 8 - Mini-história “As minúcias de Ayla”



As minúcias de Ayla

O primeiro contato com a argila gera um impacto, Ayla aperta-a com as mãos e percebe sua textura, para e prefere não mexer mais, apenas observar os amigos manipulando.

De repente diz: “Massinha da Ala?”

Começa novamente, desta vez com os dedinhos, até sentir-se confortável para ir tirando pedacinhos. Desenha na mesa e segue tirando pedaços ainda menores, chamou a professora e disse que ia fazer bolinhas. A concentração e silêncio para moldar cada bolinha eram nítidos.

A menina permitiu-se tentar novamente. O que de início foi um estranhamento, Ayla minuciosamente tornou parte de sua imaginação e brincadeira.

Faixa Etária FE2 CD

Abril/2023

Texto e imagem: Professora Larissa

Criança: Ayla

Fonte: Acervo das autoras.

A primeira tarefa pedagógica voltada para aprender com os outros é ensinar a ver, a olhar, a ouvir as perguntas, que nascem da curiosidade, da fala, das inquietações e das múltiplas linguagens das crianças, bem como dos sentimentos, das formas, percepções, jeitos, experimentações, leituras e memórias da realidade, que passam pelo corpo e pelos sentidos (Conte; Cardoso, 2022a). O exercício da leitura de imagem - perguntar o que se vê, sente, o que a imagem comunica, o que o autor quis expressar e qual o contexto histórico - abre portas para a descoberta de tesouros e a construção de relações que nos ensinam a arte de escutar e de ver. Esse processo vai além da observação passiva, ele permite mergulhar profundamente nas nuances da expressão e do significado. Como destaca Hoyuelos (2012, p. 4), “construir uma comunicação significa deixar uma marca estética e narrativa de forma visual, audiovisual e escrita sobre um processo educativo que estamos observando e refletindo”.

Cientes da importância de comunicar as aprendizagens para as famílias, para os profissionais da escola e, especialmente, para as próprias crianças, desenvolvemos materiais que tornassem visível o processo investigativo da turma. Ao longo do ano, criamos mini-histórias que documentavam as descobertas e aprendizagens das crianças, as quais eram exibidas nos murais da escola e na sala de

referência. Essas narrativas permitiam que o desenvolvimento individual e coletivo fosse acompanhado de perto por todos os envolvidos.

Ao final do ano letivo, elaboramos uma comunicação mais abrangente, baseada em todo o processo vivenciado. Em forma de livreto, apresentamos nossas observações, reflexões e interpretações como educadores, destacando as sessões mais significativas para cada criança. O material foi elaborado individualmente, valorizando o percurso de cada educando, e incluía narrativas detalhadas das ações realizadas, acompanhadas de registros fotográficos que ilustravam suas experiências e conquistas. Dessa forma, criamos uma documentação que não apenas preservava as memórias das aprendizagens, mas também fomentava a reflexão sobre o caminho percorrido e suas implicações para o futuro.

FIGURA 9 - Contexto para entrega da comunicação e livreto artesanal sobre o percurso investigativo



Fonte: Acervo das autoras.

Para entregar às famílias, organizamos uma caixa especial contendo um livreto artesanal, um relatório de aprendizagem, documentação dos projetos desenvolvidos ao longo do ano, além de argila e estecas, para que as crianças pudessem continuar suas explorações criativas em casa. No dia da entrega, mobilizamos um piquenique na escola, criando um momento de socialização entre os profissionais da educação e as famílias, propiciando um espaço para dialogar sobre as aprendizagens e o percurso investigativo da turma.

Os desafios estéticos na Educação Infantil vão além da criação de ambientes bonitos, mas envolvem a promoção de uma educação sensível, que valoriza o desenvolvimento integral das crianças

por meio da arte, da criatividade e da expressão pessoal e coletiva. Essa jornada formativa exige comprometimento e cooperação das professoras, que se tornam corresponsáveis pelos processos investigativos no cotidiano escolar, de gesto poético, ao narrarem cenas educativas e reconstruírem temporalmente a trama do (con)viver e do agir no círculo hermenêutico de seu ofício. Essa responsabilidade envolve a criação de espaços escolares que não apenas cumpram funções práticas, mas que despertem a sensibilidade das crianças, promovendo interações estéticas. Esses ambientes necessitam planejamentos para serem acolhedores, inspiradores e estimulantes, favorecendo a imaginação e a curiosidade, através de elementos como cores, iluminação e a presença de materiais naturais.

Além disso, disponibilizar materiais pedagógicos voltados para experiências sensoriais e estéticas, considerando formas, texturas, cores e sons enriquecem o processo de aprendizagem. Oferecer às crianças o contato com esses materiais cria um ambiente de experimentação sensorial, onde elas jogam, exploram e desenvolvem uma relação mais profunda com o mundo através da arte e da sensibilidade que gera estudos e práticas de apreciação estética das crianças, num contexto que muitas vezes prioriza resultados cognitivos. É necessário valorizar o lúdico, o simples e o (inter)subjetivo nas diversas formas de expressão, sem deixar de lado o desenvolvimento cognitivo, a corporeidade e os movimentos que ampliam as possibilidades pedagógicas, oferecendo novas formas de se conectar com o mundo. Introduzir práticas artísticas e narrativas de valorização da diversidade cultural é essencial para uma educação inclusiva e emancipatória.

[Estudos sobre] novos tipos de individualidade e convivência, e sobre a diversidade de significados humanos têm contribuído para o desenvolvimento de *análises narrativas* que cartografam experiências de vida em entornos culturais contemporâneos. Além de informar sobre as rápidas mudanças sociais que nos afrontam, a pesquisa narrativa nos ajuda a compreender como essas experiências estão sendo vividas, percebidas e interpretadas em diferentes contextos de socialização, de pequenos e grandes grupos, de comunidades e instituições. (Souza; Martins; Tourinho, 2017, p. 13).

As interações entre professoras e crianças possuem uma dimensão estética que envolve a perpetuação da memória, dos cuidados, da sensibilidade e de todas as narrativas e registros de afetos vividos. O encontro pedagógico, permeado por gestos, olhares e vozes, é uma experiência estética de respeito e valorização das histórias de vida do outro. Reconhecer essa dimensão é fundamental na Educação Infantil para o desenvolvimento integral das crianças e ser consciente da importância dessas interações éticas e estéticas para o desenvolvimento de aprendizagens evolutivas torna a docência humanizada.

Conversações finais

Este relato de experiência demonstra que a modelagem com argila e a criação de mini-histórias são escolhas e saberes poderosos para promover o desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil. A abordagem ético-estética adotada não apenas estimula a criatividade e a sensibilidade, mas também fortalece os vínculos afetivos entre as crianças e os educadores, criando um ambiente de aprendizagem rico e baseado em necessidades sentidas. A exploração da argila exemplifica como o processo educativo pode ser um espaço de experimentação das fronteiras éticas e estéticas, promovendo uma ressignificação profunda dos sentidos – olhar, voz, gesto, corpo e afeto. Esse processo revela a capacidade dos sujeitos de se apropriarem como agentes éticos, reconstruindo suas relações com o mundo, especialmente através da corporeidade em contextos educacionais que estimulam o encontro com o outro, fortalecem a cultura escolar e as memórias coletivas.

Ao compartilhar suas práticas por meio de mini-histórias, as professoras atuam como mediadoras entre as crianças, suas famílias e a escola, integrando esse ciclo de reconhecimento do outro, oportunizado pelos movimentos hermenêuticos inerentes à fruição das experiências escolares. Ao cultivarem uma escuta atenta e um olhar estético, as professoras promovem um ambiente de investigação coletiva, onde o ato de tocar o mundo se transforma em uma experiência de transformação pessoal, social, de criação e construção de memórias pedagógicas. Esse gesto, como elemento comunicativo, ativa percepções sobre si e sobre o outro, gerando ressonâncias emocionais e cognitivas que impulsionam novas formas de interação como espaço de existência e potência, permitindo às crianças explorar suas subjetividades e afetos.

A renovação intelectual do trabalho pedagógico é essencial para a inovação educacional, assim como a reciclagem de materiais é vital para a sustentabilidade. A estética, quando desvinculada da ética, torna-se superficial e vazia. A perspectiva estética desafia os modelos pedagógicos e preserva o mistério, a curiosidade e as infinitas potencialidades da infância por tradição ainda vivas. Nesse cenário, um ambiente pedagógico que valoriza a liberdade de expressão e a imaginação criadora reafirma a importância de transcender o cognitivo, acolher também o sensível e o afetivo.

Em uma escola que promove o diálogo, a responsabilidade pelas aprendizagens é compartilhada, e a interdisciplinaridade assume um papel central na formação das crianças. Essa abordagem valoriza a interconexão entre comunidade, cultura e vida escolar, transformando a educação em um agente de mudança da história, tanto passada quanto presente. Projetos de (con)vivências estéticas assumem a escola em constante movimento, que constrói pontes entre o conhecimento formal e as experiências sensíveis do cotidiano. A documentação dessas aprendizagens – por meio de mini-histórias ou outros artefatos – assegura a continuidade e a visibilidade dos

processos educativos que precisam ser contados, garantindo que as memórias construídas transcendam o presente e influenciem nossas visões de futuro.

Referências

BARROS, M. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BONACCINI, S. **Ateliê aberto**. São Paulo: Ateliê Centro de Pesquisa e Documentação Pedagógica, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CARDOSO, C. B. dos S. Projeto Vivências Estéticas na EMEI Zozina: A estruturação de um projeto e de um ateliê para bebês e crianças bem pequenas. **Saberes em Foco**, v. 6, n. 1, p. 313-322, 2023.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: as artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CONTE, E.; CARDOSO, C. B. dos S. **Experiências formativas com mini-histórias: pesquisas contemporâneas**. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/experiencias-formativas/> Acesso em: 22 mar. 2025.

CONTE, E.; CARDOSO, C. B. dos S. Pesquisa-formação com mini-histórias na Educação Infantil. **Educação e Pesquisa**, v. 48, p. 1-23, 2022a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248257250>por Acesso em: 22 mar. 2025.

CONTE, E.; SANTOS, C. B. dos. Experiências pedagógicas em mini-histórias. **Educação**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, e-41117, 2022b. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2022.1.41117> Acesso em: 22 mar. 2025.

CONTE, E.; DEVECHI, C. P. V. A experiência estética em tempos de virtualização tecnológica. **Cadernos de Pesquisa**, Fundação Carlos Chagas, v. 46, n. 162, p. 1216-1233, oct./dec. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143724> Acesso em: 22 mar. 2025.

FOCHI, P. S. **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil–OBECI**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **A África ensinando a gente**: Angola, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADAMER, H.-G. **Verdade e método**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HOYUELOS, A. Las imágenes fotograficas como documentacion narrativa. **Revista In-fan-cia**, Barcelona: Rosa Sensat, n. 133, maio/jun., p. 4-11, 2012.

Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 28, p. 1-23, e-24573.019, 2025. Disponível em <<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>

- IMBERNÓN, F. **A inovação educacional no ensino do futuro**. São Paulo: Cortez, 2024.
- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 58, p. 445-459, 2014a.
- LOPONTE, L. G. Da arte docência e inquietações contemporâneas para a pesquisa em Educação. **Revista Teias**, v. 14, n. 31, p. 34-45, maio/ago. 2013.
- MARTINS, R.; TOURINHO, I.; SOUZA, E. C. (orgs). **Pesquisa Narrativa: interfaces entre história de vida, arte e educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2017.
- MESTRE, L. **O professor investigador em comunidades de prática**. Lisboa: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, 2023.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: Unesco, 2011.
- NÓVOA, A. A pandemia de COVID-19 e o futuro da educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 7, n. 3, p. 8-12, 2020. Disponível em: <http://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/905> Acesso em: 22 mar. 2025.
- PIORSKI, G. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Petrópolis, 2016.
- RINALDI, C. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta de Reggio Emilia. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 235-248.
- SIDI, P. M.; CONTE, E. A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, p. 1942-1954, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9270/6932> Acesso em: 22 mar. 2025.

Recebido: 07/02/2025

Aceito: 16/04/2025

Received: 02/07/2025

Accepted: 04/16/2025

Recibido: 07/02/2025

Aceptado: 16/04/2025

